



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

MARIA DA PENHA FELIPE PONTES DE OLIVEIRA

A TRANSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

**GUARABIRA-PB
2016**

MARIA DA PENHA FELIPE PONTES DE OLIVEIRA

A TRANSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Rônia Galdino da Costa

**GUARABIRA – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48t Oliveira, Maria da Penha Felipe Pontes de
A Transexualidade no ambiente escolar [manuscrito] / Maria
Da Penha Felipe Pontes De Oliveira. - 2016.
34 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Rônia Galdino da Costa, Departamento de
Pedagogia".

1. Transexualidade. 2. Sociedade. 3. Ambiente Escolar. I.
Título.

21. ed. CDD 307.77

MARIA DA PENHA FELIPE PONTES DE OLIVEIRA

A TRANSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 19/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa

Prof. Esp. Rônia Galdino da Costa / UEPB
Orientadora

Mônica de Fátima Guêdes de Oliveira

Prof. Ms. Mônica de Fátima Guêdes de Oliveira / UEPB
Examinadora

José Otávio da Silva

Prof. Ms. José Otávio da Silva / UEPB
Examinador

A Deus em primeiro lugar, a minha mãe que é minha fonte de inspiração, e a minha filha, pela dor compartilhada, pela desconstrução conjunta, e pela superação cotidiana e desejada, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha professora orientadora RÔNIA GALDINO DA COSTA que foi peça fundamental nesta vitória e fechamento de um ciclo da minha vida, também pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe ODAIZA TAVARES DE SOUZA (Dóia), por me ajudar lidando melhor do que eu mesma com a transição de Vick, e me inspirar a me desconstruir como mãe.

As minhas colegas de classe JÉSSICA SILVA, MÔNICA E ALEXIA pelos momentos de amizade e apoio.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda.” **Paulo Freire**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 TRANSEXUALIDADE X TRAVESTILIDADE	13
3 TRANSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	18
4 TRANSEXUALIDADE NA FAMÍLIA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	34

A TRANSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

OLIVEIRA, Maria da Penha Felipe Pontes¹

RESUMO

A transexualidade (alguém que não se reconhece internamente como se apresenta fisicamente) dentro do ambiente escolar é algo muito comum nos dias atuais, porém nos deparamos com outra realidade na comunidade escolar acerca do tema. Vale salientar que este conceito de transgêneros se confronta diante de uma construção social, onde existe o padrão heteronormativo: masculino x feminino e sujeitos que não se reconhecem dentro desta conjuntura imposta desde o nascimento ficam fora deste padrão, como é o caso das trans. Não estando dentro destes padrões estabelecidos, transexuais sofrem todos os tipos de exclusão, levando à uma grande “expulsão” desta população, pois na verdade, estes mesmos são levados forçadamente a sair das escolas (evasão escolar). Objetivamos promover uma reflexão sobre este tema “Transexualidade no ambiente escolar”. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica, qualitativa e analítica. O embasamento teórico privilegiou as considerações feitas por BEAUVOIR (1967), BENTO (2008), MODESTO (2015), ARÁN, ZAIHAFI E MURTA (2008). Os resultados encontrados obtiveram a contribuição de conversações e debates com trans que viveram dentro do ambiente escolar. Estas entrevistas serão de suma importância para que haja uma desconstrução e um bom entendimento da comunidade pedagógica acerca da problemática de gênero e transexualidade. O próprio educador deve ter como dever principal, contribuir com a formação do caráter dos indivíduos e suas experiências identitárias, sem excluir a compreensão do que é ser menino ou menina fora das lentes do que é tido como normal na sociedade, fazendo com que pessoas transgêneras, por exemplo, não sintam-se intimidadas ou incapazes de prosseguir sua carreira educacional. Concluímos a partir dos estudos realizados, que as pessoas trans são tidas como “invisíveis” e abjetas em todo o contexto social aonde vivem, inclusive nas escolas, fazendo-nos perceber que diante dos docentes e discentes há uma prática preconceituosa que tem como objetivo fazer uma assepsia sobre estes indivíduos dentro do ambiente educacional, favorecendo assim a evasão escolar das trans e conseqüentemente interferindo na sua vida profissional.

Palavras-Chave: Transexualidade. Sociedade. Educador/a. Ambiente Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O conteúdo do tema debatido neste artigo é um assunto totalmente alheio em debates nos meios educacionais especialmente nas séries iniciais. Tendo a noção da dimensão do que discutimos aqui, podemos perceber a grande relevância da compreensão de toda a equipe institucional para desenvolverem um olhar diferente e acolhedor, tanto em relação às pessoas

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: maria.pfp@hotmail.com

transexuais, quanto á percepção de que debater gêneros é de suma importância para a formação pessoal do discente.

Vale salientar que a escola é um espaço de disseminação de preconceitos e padrões, e sua maioria traz à tona o sistema binário (masculino e feminino), considerando que existem apenas estas formas de expressar-se: como menina ou menino, fazendo com que estes discentes tomem como parâmetro que a identidade de gênero e sexual é fixa, não podendo e não devendo ser mudada. Diferente do que aponta a autora Simone Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.10)

Denomina-se Transgêneras ou transexuais pessoas que não se identificam com o sexo biológico. A identificação na sociedade atual (ser transexual) é estar acometido de uma patologia, mas é necessário construir uma dialética de que ser transexual não é patológico, é uma condição. Vale ressaltar a importância destas pessoas se entenderem como transgêneras que possuem um sexo biológico (sendo ele masculino ou feminino), não deslegitimando sua identidade de gênero e sua condição.

Afirmar que a transexualidade é uma experiência identitária, que está relacionada à capacidade dos sujeitos construir novos sentidos para os masculinos e os femininos, não significa que a dor e angústia que marcam as subjetividades daqueles que desejam viver experiências que lhe são interditas por não terem comportamentos considerados apropriados para seus sexos. As narrativas das pessoas transexuais nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão e um medo constante de serem rejeitados. Nos relatos bibliográficos nota-se que sentem dificuldades em falar de seus conflitos porque não sabem como nomeá-los. Como explicar se seu desejo é usar as cores, as roupas, os acessórios e reconstruir o corpo com signos pertencentes ao outro gênero? Como encontrar sentido para este desejo se o corpo carrega um genital que atua como o obstaculizador desse trânsito? (BENTO, 2008, p.23).

A partir do que foi citado, fica explícito o mundo de solidão e inseguranças que pessoas transexuais carregam, sendo refletido também nas escolas. Levando isso em consideração, podemos questionar, qual seria um mecanismo eficaz para que pessoas “diferentes” transpassassem a sentir-se aceitas, respeitadas e livres?

Os professores, por exemplo, não possuem preparo acadêmico adequado para lidar com estas situações e com estes padrões morais tão enraizados. Porém, o que nos dá uma esperança em relação a esse tema é que, se a sociedade em algum momento foi determinada a construir preconceitos e ódios sobre estas questões, sabemos que o que foi construído pode ser desconstruído também, independente do momento.

Diante desta problemática do despreparo da comunidade escolar em lidar com a transexualidade, podemos constatar que a solução poderia vir tanto de estudos pedagógicos sobre o tema, como também da própria vontade de levantar questionamentos acerca do

mesmo, conseqüentemente trazendo uma consciência maior em relação ao bem estar psicológico e físico desta população bem como aos seus direitos, tirando suas invisibilidades e trazendo o empoderamento das mesmas.

O interesse por este assunto parte da inquietação de uma mãe acerca deste tema que está atribuído à vivência pessoal com uma filha travestir. A experiência vivenciada foi observada há aproximadamente um ano, levando a reflexões, questionamentos e a procura de uma maior compreensão acerca da natureza da transexualidade.

Expõe-se aqui, a título de ilustração, o depoimento de uma mãe que vivenciou este problema. (mãe graduanda em pedagogia)

Eu tive um filho que foi denominado do sexo masculino há 18 anos, e desde a mais tenra idade era notória a presença de elementos femininos que o fascinavam, a exemplos das heroínas (sempre mulheres) que faziam parte do seu universo. Nunca tive apoio por parte da escola, muito menos um olhar sensível a essa realidade, o que trouxe a consequência de ter o desprazer de perceber de forma tardia que meu filho sofria bullying cotidianamente no ensino fundamental, por ter trejeitos e andar somente com meninas, também sofria violência psicológica sendo ofendido com nomes pejorativos de baixo escalão, era excluído das interações, tentaram o agredir e também meu filho hoje relata que já foi trancado dentro do banheiro na época.

Estas questões me levaram a sentimentos de impotência e de não saber como lidar com a situação, e em específico, no meu caso, existia a falta de desabafo por parte do meu filho sobre estas agressões psicológicas e físicas a fim de me preservar, ele também não conseguia abrir o diálogo a cerca do assunto, que também o assustava, o que dificultava cada vez mais o meu entendimento sobre o que estava ocorrendo, me fazendo ficar cada vez mais ignorante em relação ao que estava sendo vivenciado naquele momento.

Desta forma, toda esta situação me trazia um sentimento de fragilidade como mãe, mulher, estudante e como ser humano. Muitas vezes fui mal compreendida na academia durante o curso, e que por muitas vezes me encontrava na situação de que eu não conseguia me concentrar e produzir, pois o meu contexto vivido em casa que era o de sentir um filho sozinho e mergulhado em uma depressão eminente que me desestimulava em praticamente todos os aspectos da minha vida.

Conto nos dedos os professores da academia que se dispusera a me compreender e me escutar. Percebi então que o meu filho tentava inicialmente se encaixar num padrão homossexual, porém, sua inquietação aumentava a cada dia em relação ao seu corpo, sua aparência e as roupas que vestia.

Acerca disto, percebi o tamanho da violência da sociedade sobre pessoas que rompem com essa barreira imposta. Ao perceber sinais de infelicidade em meu filho, pressentia que existia algo muito além de apenas a questão de ser gay.

Portanto, inicialmente houve uma conversação sobre o que estava a ser questionado, e eu ouvia do meu filho que ele “não se sentia no corpo que deveria estar”, foi aí que eu percebi que o que eu estava lidando era muito mais do que apenas aceitar e apoiar a orientação sexual do meu filho, e sim, me desconstruir sobre tudo que me foi imposto acerca de padrões de gênero para que eu pudesse dar espaço para compreender e abraçar a situação que o meu filho estava contido, e que conseqüentemente, eu também estava, a transexualidade.

A partir disso entendo com clareza e, como mãe de uma mulher travestir, pude perceber que é de extrema necessidade uma intervenção pedagógica eficaz, coerente e concisa. Sendo assim, podemos sintetizar que é de suma importância também a relação de aproximação entre escola e família, sem deixar de ter, por parte da equipe educacional, o entendimento e o preparo prévio sobre como entender, lidar e abordar a realidade de alguém que não segue um padrão de heteronormatividade².

O que fica visível na realidade escolar e social é o preconceito com as transexuais no ambiente educacional. Sendo assim, esse artigo vem desenvolver um início de estudo nessa direção.

Na verdade, o mesmo pretende trazer para a comunidade escolar e para os seus futuros leitores, entre vários questionamentos os porquês de vivermos numa sociedade extremamente transfóbica, levando, conseqüentemente à desconstrução da própria transfobia³ que foi inculcada durante toda a vida às pessoas conservadoras e de conceitos arcaicos e fundamentalistas. Por isso, objetivamos provocar reflexões sobre a transexualidade no âmbito escolar. Para isso, definiremos transexualidade x travestilidade, discutiremos sobre a transexualidade no ambiente escolar e por último lançaremos um olhar sobre a transexualidade na família.

Este artigo é de grande relevância, pois dará acesso aos leitores e a sociedade em geral as informações sobre o tema em questão.

² Heteronormatividade (do grego hetero, "diferente", e norma, "esquadro" em latim) é um termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

³ Transfobia é uma série de atitudes ou sentimentos negativos em relação às pessoas travestis, transexuais e transgêneros. Seja intencional ou não, a transfobia pode causar severas conseqüências para quem por ela é assim discriminado.

Levantamos algumas hipóteses iniciais que podem ser confirmadas ou abandonadas no decorrer ou conclusão deste artigo. São elas: Seria o despreparo da comunidade escolar sobre as questões de gênero, um dos motivos de grande evasão escolar das trans? Outra hipótese seria: a sociedade como padrão heteronormativo, com sistema binário masculino x feminino, estaria possibilitando ou favorecendo este preconceito?

Este artigo se dividirá da seguinte forma: No capítulo 1, em nossa Introdução, faremos uma explanação sobre o tema de forma mais profunda, deixaremos explícitos a justificativa, objetivos e hipótese deste artigo, como também o problema que nos levou a desejar solucioná-lo.

No capítulo 2 Transexualidade x Travestilidade traremos os conceitos de ambos e suas diferenciações. No capítulo 3 abordaremos como se dá a transexualidade no ambiente escolar, já no último capítulo 4, lançaremos um olhar sobre a transexualidade na família.

Em alguns dos nossos capítulos traremos para enriquecimento dos mesmos, entrevistas feitas via facebook com transexuais, os (as) entrevistados (as) foram escolhidos aleatoriamente num grupo restrito e fechado para trans, onde a autora deste artigo enviou algumas perguntas para vários (as) e apenas cinco pessoas responderam. Por fim, faremos nossas considerações finais.

2 TRANSEXUALIDADE X TRAVESTILIDADE

A transexualidade é compreendida aqui como o sentimento do indivíduo de não poder corresponder às expectativas definidas socialmente para o seu sexo anatômico, identificando-se com os elementos tidos como do sexo oposto ao seu e submetendo-se a tratamentos cirúrgicos e/ou hormonais para adequar seu corpo à sua condição psicológica (ARÁN, Zaidhaft e Murta, 2008).

Há uma diferenciação que separa o que é ser transexual do que é ser travesti, como por exemplo, a própria aceitação da genitália. Dentro deste exemplo, podemos tirar diversas situações que são vivenciadas por essa diversidade de gênero, desde possíveis acessos à própria mudança de sexo, quanto à aceitação de possuir uma genitália que não lhe pertence.

Exemplificando melhor, podemos dizer que existe aqui também uma questão social e de diferença de valores socioeconômicos. Alguém que tem condições financeiras e faz a cirurgia de redesignação é chamado transexual. A que não tem condições é travesti, pois mantém o órgão biológico, mesmo usando roupas de outro sexo e tomando hormônios. (Pois se sabe que as trans que desejam mudar de sexo tem que esperar o SUS autorizar a cirurgia.

Na maioria dos casos, mesmo sendo um direito, muitas morrem sem fazer a cirurgia devido a morosidade do sistema).

Diante dessas ocasiões, diferenciar o que é transexualidade do que é travestilidade está dentro de um contexto de auto-identificação, abrangendo também questões de empoderamento e questões sociais como citado anteriormente, sendo assim, neste tópico vamos analisar divergências e convergências entre estas duas nomenclaturas.

Para melhor compreendermos, é importante ressaltar que tanto uma pessoa transexual quanto uma travesti não se sente representada pelo sexo biológico, percebendo que este sexo biológico imposto é errôneo dentro da sua condição.

Nestas características presentes nos dois termos, podemos perceber que existem lacunas que passam a capturar certas especificações sobre a questão de identidade e sexo biológico.

A transexualidade x travestilidade estão dentro de um conjunto de pessoas que nasceram com um gênero que não se identificam. Como bem define Edite Modesto:

Algumas pessoas nascem com pênis e gônadas masculinas, por exemplo, e são mulheres; outras pessoas nascem com vagina, útero e ovário, e são homens. Essas pessoas são chamadas transexuais. “Trans” dando a ideia de ir além, transição, de ultrapassar. Transexual – Aquele que vai além do sexo biológico com que nasceu e faz prevalecer o gênero que tem. As pessoas transexuais, geralmente, querem que seu físico acompanhe o que sente ser e, algumas vezes fazem operações de mudança de sexo [...]. No entanto, nos aparece a dificuldade de algumas pessoas transexuais, que não estão mais em transição, isto é, que já tem o corpo que sonharam ter. Pois combina com seu gênero, não se consideram mais transexuais. (MODESTO, 2015, p.73)

Travestir é vestir (alguém ou a si próprio) de modo a aparentar ser do outro sexo ou de outra condição ou de outra idade. Com essa definição da palavra travestir em sua origem, percebemos que, essa duabilidade é ligada a uma pessoa em transição de gênero, não necessariamente precisam de uma mudança tão extrema, e sim de uma auto-identificação, não se trata de uma performance de gênero e sim transitando entre se sentir homem e se sentir mulher, assim misturando o conceito de sexo e gênero, há uma mescla de dois gêneros; por exemplo as vezes tem roupas e jeito de um gênero e o órgão sexual de outro gênero.

Desta forma quando existe o entendimento de que se trata de uma questão mais além do que roupas ou padrões estéticos, as pessoas compreendem melhor o significado da travestilidade.

Mas para complicar, há uma gradação nesse ir além, essa transição, esse ultrapassar, da transexualidade. Outras pessoas não sentem necessidade de mudanças tão

radicais, porque de alguma maneira se sentem homem e mulher ao mesmo tempo: as mulheres travestis. E aqui parecem se misturar os conceitos de sexo e gênero. Desse modo, elas estão contra normas de gênero impostas. Não se sentem confortáveis com ela. Usar roupas de mulher e exibir algumas características físicas e trejeitos femininos já é o suficiente para elas, pois conservam seu pênis e suas gônadas masculinas (...). As pessoas travestis vão além do sexo biológico com que nasceram, mas não desprezam totalmente. (MODESTO, 2015, p.73)

Logo se percebe que a transexualidade e a travestilidade tem como base a essência da pessoa, ou seja, como ela se percebe e como o social lhe percebe, mescla de gêneros. A passabilidade (é quando a pessoa trans é lida pela sociedade como se mulher fosse) é uma forma exemplificada de como o social interfere na vida das trans, ou seja, a sociedade uma vez que não as identifica como transgênero, não geram preconceito por não perceber que se trata de uma trans.

Podemos exemplificar melhor o que foi dito acima com uma situação de uma roda de conversa onde uma trans diz que estava em um ônibus que passou por uma abordagem policial, as autoridades pediram para que todos os homens do ônibus descessem, no caso a trans que relatou este episódio diz que o policial não chamou ela para descer, ou seja a trans em questão teve a passabilidade.

Através de entrevistas, já citadas na nossa introdução, buscou-se a percepção de como as trans se percebiam na infância. Utilizaremos nomes fictícios a fim de preservar as pessoas entrevistadas. Eis as respostas:

MARA, 21 anos, Cianorte – PR, Mulher

Na sua infância você já se reconhecia trans? Como era, por exemplo, sua vida escolar nesse período?

Não. Eu não me reconhecia trans e nem sabia o que era isso. Eu sabia que eu era diferente e só me identificava com as meninas. Quando fui crescendo foi ficando complicado porque começaram as piadas e eu tentei me masculinizar muito. Logo mais quando fui saber o que era travesti e como a sociedade via isso, obviamente era o que eu não queria ser. Achava que teria que me prostituir e sair de casa. Apesar do preconceito, tive uma vida escolar tranquila.

Quando você se reconheceu trans, sua vida escolar teve o rendimento diminuído?

Eu só fui me identificar e me assumir trans na faculdade. Que foi quando entendi tudo isso. Isso claramente foi um privilégio porque provavelmente eu não teria conseguido terminar o ensino fundamental. Mas na faculdade atrapalhou sim. Mesmo sendo um ambiente mais

aberto a tudo isso foi muito difícil. Inclusive só passei no TCC por compreensão do orientador.

MARTINA (pretendo mudar para o feminino aos 18 anos), 15 anos, São Paulo, Igarapé do Tiete (interior), Mulher

Na sua infância você já se reconhecia trans? Como era, por exemplo, sua vida escolar nesse período?

Sim, eu já me reconhecia trans desde sempre! Na minha cabeça eu SEMPRE fui uma mulher, mas quando eu era criança eu não entendia o porquê estava no corpo de um homem. Minha vida escolar não foi muito fácil, eu ia para a escola com uma toalha na cabeça para fingir que era cabelo, na minha escola tinha o “dia do brinquedo” toda semana, que todo aluno levava seu brinquedo preferido, e eu levava minha boneca, mas nem os professores nem os alunos gostavam de ver um menino com uma Barbie, por isso fui proibido de ir nesse dia “do brinquedo”. Minha família sempre me aceitou “diferente” e por isso me deixavam ir para a escola de toalha na cabeça, levar boneca etc.. Mas chegou num ponto que os alunos da minha escola começaram a me bater por causa dessas coisas, e eu sempre escondi os hematomas dos meus pais, eu nunca quis que eles se preocupassem comigo, então onde ficava roxo eu colocava roupa por cima, mas um dia não deu para esconder, pois foi no rosto o machucado e então eu mudei de escola, mas dessa vez fui para a nova escola como um menino, raspei o cabelo e comprei roupas masculinas e desde aí vivo escondido para a sociedade, até hoje. Tudo isso foi do Pré para a 1 série.

Quando você se reconheceu trans, sua vida escolar teve o rendimento diminuído?

Eu já me reconhecia trans desde sempre! Na minha cabeça eu SEMPRE fui uma mulher, mas quando eu era criança eu não entendia o porquê estava no corpo de um homem. Meu rendimento escolar diminuiu, eu passava mais tempo chorando do que estudando.

DAIANE, 15 anos, Indaiatuba – SP, Travesti

Na sua infância você já se reconhecia trans? Como era, por exemplo, sua vida escolar nesse período?

Eu me identifico como travesti. Na minha infância já me sentia diferente das outras garotas e dos garotos, porém não sabia o que de fato era ser trans, eu sabia apenas que era diferente

dos demais, minha vida escolar durante a infância foi bem difícil, passei por umas 6 escolas, saí de todas por sofrer bullying, até hoje me lembro de coisas horríveis que aconteceram naquela época mas, ainda, não me sinto confortável pra falar sobre elas.

Quando você se reconheceu trans, sua vida escolar teve o rendimento diminuído? *Me reconheci trans as 13 anos, porém lido com preconceito na escola desde muito pequena, já apanhei feio na escola por ter ido usando um anelzinho que minha mãe tinha me dado, aquilo era "coisa de viado", para crianças de 6 anos de idade. Fui utilizar o nome social na escola apenas em 2015, e no começo (e até hoje também), muita gente é preconceituosa por não saber NADA sobre transexualidade.*

AURÉLIO, 20 anos, Rio Grande do Sul, São Leopoldo. Homem Trans

Na sua infância você já se reconhecia trans? Como era, por exemplo, sua vida escolar nesse período?

Quando eu era criança, não tinha conhecimento sobre transexualidade, então eu vivi como uma menina. Era complicado algumas vezes, como quando eu queria ter 'volume', fazer xixi de pé, ganhar brinquedos legais, querer andar sem camisa. Quando ficava sozinho, tirava a camisa, colocava uma meia na calcinha, casava com minhas bonecas, era herói, príncipe e me sentia bem, porém trancava todas as portas para que meu momento de libertação e de "insanidade", na época, não fosse descoberto. Quando meu corpo começou a tomar formas femininas, sofri muito, tentava esconder os seios com tops apertados, esconder as curvas com bermudas largas... Até que um dia a pressão me obrigou a depilar os pelos, e sei, eu queria ser normal. Tentei me encaixar em um padrão, ser alguém que eu não era. Não funcionou muito bem e foi doloroso, ser inferiorizado por ser 'mulher', e o machismo que qualquer 'mulher' diferente do padrão sofre menina na infância.

Quando você se reconheceu trans, sua vida escolar teve o rendimento diminuído?

Quando me reconheci trans, estava repetindo o ano, creio que 'a descoberta' tenha sido muito mais libertadora do que qualquer outra coisa. Falei com minha namorada, que me entendeu e deu apoio, tudo que eu precisava na época, levava as gozações sobre "ó o menininho aí" como um troféu por finalmente conseguir externar o que eu era. Apesar de não ser totalmente assumido, me sinto muito mais livre e feliz por ter um grupo de amigos que me tratam como eu realmente sou como Aurélio e no ano em que me descobri trans, foi o meu melhor ano.

Duda, 20 anos, Jequié – Bahia, mulher trans

Na sua infância você já se reconhecia trans? Como era, por exemplo, sua vida escolar nesse período?

Minha infância foi muito tranquila, embora eu ainda não tinha ciência do que era ser trans eu já sabia que eu não era um menino e não gostava, até então, das "coisas de menino" eu sempre saía pro recreio e sentava apenas com as meninas.

Quando você se reconheceu trans, sua vida escolar teve o rendimento diminuído?

Sim

Os/as transexuais que reivindicam as cirurgias não são motivados, principalmente pela sexualidade, mas que as mudanças nos seus corpos lhes garantam a integridade social. Se a sociedade divide-se em corpos-homens e corpos mulheres, aqueles que não apresentam essa correspondência fundante, tendem a estar fora da categoria do humano. (BENTO, 2004, p.127)

Então, podemos perceber que hoje, como sociedade, grande parte das pessoas passaram a perceber o gênero como um a construção social, porém, a maioria delas tem dificuldades em relação ao desprendimento da questão do sexo biológico, sendo imutável e inquestionável para elas.

3 TRANSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

O grau de preconceito e discriminação que vivem as pessoas, transexuais/travestis levam a esconder seus sentimentos, suas identidades ou a evadir da escola. Como aponta Berenice Bento, as pessoas trans “sofrem evasão escolar” tanto pessoalmente quanto por meio de tecnologias cotidianas de exclusão a exemplo do cyberbullying, então as trans recebem dos “coleguinhas da escola” ofensas via redes sociais, e outros meios.

Sofrem violência transfóbica ou homofóbica, também pela inadequação do trato pedagógico. Os estudantes fora dos padrões experimentam um massacre diário para sobreviverem na escola.

Neste contexto percebe-se a dificuldade existente diante de uma realidade repleta de pessoas conservadoras. Uma das matérias produzidas pelo projeto Escola sem Homofobia⁴ que tinha como objetivo orientar professores e professoras dando aos mesmos subsídios didáticos para trabalharem com o tema da forma mais adequada, por exemplo, foi condenada a fogueira pelos fundamentalistas de plantão.

Na última frase descrita acima, me refiro ao Kit Homofobia composto por uma cartilha e três vídeos e foi pensado inicialmente para ser distribuído em turmas do ensino médio de 6 mil escolas. Os vídeos são: o “Medo de quê?”, o “Encontrando Bianca” e o “Boneca na Mochila”. O MEC, no entanto, não reconhece os vídeos “Medo de quê?” e “Boneca na Mochila”.

Existem também os vídeos “Probabilidade” e “Torpedo”, porém: Depois de definir quais os filmes farão parte do kit e aprovar o texto da cartilha, o MEC deveria distribuí-los somente a professores.

O material foi apresentado em audiências públicas, várias vezes e não foi homologado. Em 2004 aproximadamente, 180 educadores foram capacitados para trabalhar com o material.

A elaboração do kit foi uma das ações do Programa Brasil sem Homofobia, lançado pelo governo federal em 2004. Seu conteúdo foi definido por ONGs a pedido do MEC. O kit foi idealizado para servir como guia para professores que quisessem ou necessitassem tratar o assunto com alunos e com a comunidade acadêmica.

O preconceito também parte de funcionários da Escola, então a idéia seria levar a discussão para a sala de aula, para reuniões de pais e mestres e para funcionários.

O material traz também uma cartilha com conceitos teóricos relacionados à sexualidade. Explica o que é gênero, homossexualidade e diversidade sexual, traz sugestões de oficinas que podem ser feitas nas escolas e dicas de filmes que tratam sobre o assunto.

O guia do professor é acompanhado por três vídeos que podem ou não ser apresentados aos alunos. “A idéia seria que se fizesse uma discussão a partir dos vídeos, mas a exibição deles ficaria a critério do professor”.

⁴ <http://www.ecos.org.br/projetos/esh/notaoficial.pdf> O Projeto Escola Sem Homofobia, apoiado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD), tem como objetivo “contribuir para a implementação do Programa Brasil sem Homofobia pelo Ministério da Educação, através de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro”. o final deste documento. O Projeto foi planejado e executado em parceria entre a rede internacional Global Alliance for LGBT Education – GALE; a organização não governamental Pathfinder do Brasil; a ECOS – Comunicação em Sexualidade; a Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva; e a ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Todas as etapas de seu planejamento e execução foram amplamente discutidas e acompanhadas de perto pelo MEC/SECAD.

O filme, “Boneca na Mochila”, mostra o drama da mãe de um menino de cinco anos que é flagrado pela professora com uma boneca na mochila.

O próprio ambiente escolar está sujeito a dispersão de preconceito e ódio ao diferente. Podemos tirar diversas evoluções em relação à questão de gênero quando voltamos aos anos anteriores, porém, não vale excluir o contexto violento e contínuo que temos presenciado, mesmo com o passar dos anos.

A escola como instituição de ensino e de formação de caráter, tem o dever de mostrar para seus docentes a importância da empatia para como próximo, independente de sua condição. É aí que entra a importância da desconstrução dentro do ambiente escolar.

Para podermos compreender a necessidade destes diálogos dentro da escola, podemos analisar as vivências e as falas de pessoas transgênero em relação à exclusão e ao preconceito que por elas, foi sentido na pele. Dando continuidade as entrevistas, buscou-se a percepção de como as trans se sentiram no ambiente escolar.

MARA, 21 anos, Cianorte – PR, Mulher trans

Você se sentia excluído (a) por seus colegas?

Todos os meninos me excluía. Satirizavam e às vezes eu apanhava. As meninas me acolheram sempre. Mais tarde fui fazendo mais amizades. Mas tudo isso sempre me fez muito mal.

Você praticava as atividades escolares normalmente? Se não, o que te incomodava?

Não. Trabalhos em grupo eram sempre feitos com a mesma amiga e eu não participava do intervalo e nem da educação física. Ficava na sala de aula. Eu não me sentia bem. Não queria praticar esportes com os meninos. Não queria interagir. Eu era sempre diferente.

MARTINA (pretendo mudar para um feminino aos 18 anos), 15 anos, São Paulo, Igarapu do Tiete (interior), Mulher trans

Você se sentia excluído (a) por seus colegas?

Sim, nunca tive amigos.

Você praticava as atividades escolares normalmente? Não, o que te incomodava?

Se Sempre pratiquei as atividades escolares normalmente, a única coisa que me incomodava era o bullying.

DAIANE, 15 anos, Indaiatuba – SP, travesti

Você se sentia excluído (a) por seus colegas?

Sentia-me distante dos outros, acho que excluída não é bem a palavra certa. Não praticava, eu lembro que sempre dividiam as atividades em meninos x meninas, e eu sempre queria ficar com as meninas, o que gerava broncas dos professores e várias risadas dos colegas.

Você praticava as atividades escolares normalmente? Se não, o que te incomodava?

Não. O preconceito.

DUDA, 20 anos, Jequié – Bahia, mulher trans

Você se sentia excluído (a) por seus colegas?

A minha vida toda eu só mantive relacionamento de amizade com meninas, meninos dava pra contar nos dedos. Isso nunca afetou no meu rendimento escolar, muito pelo contrário, todos na minha escola eram bem receptivos comigo e a gente se ajudava no dia a dia. Na fase da creche era de boa, a partir do momento que eu fui crescendo, trocando de escola, na pré-adolescência eu fui percebendo a proporção da coisa. Era muito confuso pra mim, pois eu não sabia lidar nem tinha noção do que estava acontecendo. Na época da escola (ginásio) eu me assumi gay pra mim mesma, mas eu sabia que não era isso ainda, a partir de então começou o bullying, as piadinhas homofóbicas e discurso de ódio entre eles para comigo, eu sempre tentava levar na esportiva, eu só tinha 11 anos e era tudo tão novo.

Você praticava as atividades escolares normalmente? Se não, o que te incomodava?

Eu tentava ao máximo participar das atividades em classe, às vezes (quase sempre) quando a professora pedia pra formar grupos eu sempre sobrava pois ninguém queria "a mocinha" no grupo deles, isso me deixava super mal pois eu achava que não era boa pra trabalhar em grupos, as demais coisas eu fazia de boa.

AURÉLIO, 20 anos, Rio Grande do Sul, São Leopoldo. Homem trans

Você se sentia excluído (a) por seus colegas?

Apesar de ser considerada menina na infância, sempre fui moleque. Jogava bola, queria aprender a tocar guitarra, brincava de dinossauro, de ver as calcinhas das colegas junto com os outros meninos da classe... Nesse sentido, já era notável que eu não me encaixava no padrão.

Você praticava as atividades escolares normalmente? Se não, o que te incomodava.

Sempre fui uma criança muito ativa (no fundamental), mas no médio sim, eu era 'a menina esquisita' e muitas vezes fui dispensada dos trabalhos em grupo.

Até onde vai a autonomia da escola sobre seus alunos? A escola como instituição educadora deve abrir portas para os direitos de ir e vir de seus alunos. Existem regras, normas, paradigmas que ditam a forma de agir destas instituições, porém, não é saudável que haja silenciamento por parte dos docentes sobre qualquer assunto, a transexualidade é exemplo disso.

A forma de enxergar uma aluno/a trans dentro de uma escola é das mais variadas. Da perspectiva da criança trans na Escola, existe uma complexa falta de conhecimento de si mesmas (a escola não abre para debates de gênero, o que implica a pessoa com esta condição a acreditar que ela realmente é anormal), quanto pela falta de coragem por parte de colegas, professores e até mesmo da família.

Para ilustrar melhor apresentaremos mais duas questões da entrevista com as pessoas trans, como poderá ser conferido abaixo:

MARA, 21 anos, Cianorte – PR, Mulher

Em sua opinião, o que as escolas poderiam fazer para que houvesse a inclusão de crianças trans?

Falar sobre isso. Ajudar. Conscientizar quem é e quem não é. Eu achava que eu era uma aberração. Quis cometer suicídio inúmeras vezes e tentei uma. Eu não sabia o que eu era. Só sabia que era errado. Logo me identifiquei um menino gay porque era a única coisa que eu conhecia e eu sabia que eu sofreria menos. Tentei muito ser o homem padrão por um bom tempo.

Você concorda que o debate de gênero deve ser feito em escolas de ensino fundamental I?

Concordo e acho que isso é fundamental. Minha vida teria sido outra. A minha e a de inúmeras pessoas. Não só as trans. Preconceito se combate com educação.

MARTINA (pretendo mudar para um feminino aos 18 anos), 15 anos, São Paulo, Igarapu do Tiete (interior), Mulher

Em sua opinião, o que as escolas poderiam fazer para que houvesse a inclusão de crianças trans?

Sinceramente não sei, talvez ensinar desde cedo sobre gêneros.

Você concorda que o debate de gênero deve ser feito em escolas de ensino fundamental I?

Sim, com certeza.

DAIANE, 15 anos, Indaiatuba – SP, travesti

Em sua opinião, o que as escolas poderiam fazer para que houvesse a inclusão de crianças trans?

Acho que, primeiramente, é fundamental que haja um trabalho de desconstrução com os pais das outras crianças, pois, acreditem, as crianças começam a se afastar a partir do momento que os pais percebem que seu filho tem um (a) coleguinha trans, eles mandam seus filhos se afastarem, falam que "aquilo" é ruim, "coisa do diabo".

Você concorda que o debate de gênero deve ser feito em escolas de ensino fundamental I?

Concordo sim, o ensino fundamental teria sido bem mais fácil para mim e para minha amiga trans que estudava comigo, principalmente para entender o que está se passando com você. Acredito que meu rendimento escolar não teria caído tanto.

DUDA, 20 anos, Jequié – Bahia, mulher trans

Em sua opinião, o que as escolas poderiam fazer para que houvesse a inclusão de crianças trans?

A escola deveria inibir esses ataques conscientizando através de aulas, palestras, debates esses alunos de que agir dessa forma é errado, que é possível é saudável saber lidar e conviver com as diferenças. Com toda certeza! Informação é vital, diálogo precisa existir.

Acredito eu que seria um ambiente mais aberto, harmônico para ambos. Com toda certeza. Eu acredito que o ensino fundamental influencia bastante na formação do adolescente.

Você concorda que o debate de gênero deve ser feito em escolas de ensino fundamental I?

Durante meu ensino fundamental o debate sobre as questões de gênero não era algo presente, era muito raro de se acontecer. Quando eu entrei no ensino médio algumas coisas mudaram. Eu acredito sim que esse debate seja necessário porque são importante termos conhecimentos durante a nossa formação. Esses debates teriam esclarecido muitas dúvidas minhas e de outros estudantes caso estivesse presente no nosso ensino. No ensino fundamental a facilidade pra absorção é bem mais ampla. Ampliação dos debates eu vejo que com a internet, as informações estão circulando com facilidade, porém entre os mais jovens. Muitos pais ainda não consomem a internet da mesma maneira que os jovens, então a ampliação dos debates seria interessante.

AURÉLIO, 20 anos, Rio Grande do Sul, São Leopoldo. Homem Trans.

Em sua opinião, o que as escolas poderiam fazer para que houvesse a inclusão de crianças trans?

A melhor forma que uma escola pode agir para que as crianças trans, assim como eu, não se sintam excluídas e ou sofram algum, ou qualquer tipo de rejeição, é conversar sobre as diferenças, explicar de forma didática que “o amiguinho é diferente, mas ele é normal, tem sentimentos e deve ser respeitado, como qualquer outra pessoa”.

Você concorda que o debate de gênero deve ser feito em escolas de ensino fundamental I?

Sim

4 TRANSEXUALIDADE NA FAMÍLIA

A família é peça fundamental para uma boa transição, este é o momento em que as trans atravessam o processo de mudança física para o gênero desejado. Quando a família tem acesso a melhores orientações sobre o tema, facilitam a vida da pessoa trans, entretanto não são todos que tem essa sorte. A informação sobre a transexualidade na sociedade atual é pouca, e desta maneira afeta a reação dos parentes ao descobrirem ter alguém trans na família.

Geralmente a maioria dos pais, como a sociedade, não ensinam para os filhos desde novos que existem diferenças entre as pessoas e que independente de qual seja essa diferença, estes devem respeitar a todos. Mas, parece-nos que existe uma crença velada de que eles poderão estar incentivando a criança a ser gay, lésbica ou trans, por passarem essa informação.

Para nossa surpresa, na prática as crianças tem um estranhamento menor às diferenças do que os próprios pais, nos levando a imaginar que talvez estas entendam mais, por mais confuso ou complexo que possa ser para eles, mas os pais na maioria das vezes distorcem os fatos, interferindo na socialização de seus filhos com essas diferenças.

Voltando ao papel da família, a aceitação da família leva mais segurança para pessoa trans que inevitavelmente passará por muitos desgastes e dificuldades. Para melhor ilustrar a problemática, segue o depoimento de uma filha trans.

“Depois de muito refletir vem o momento em que se tem que agir do modo mais sincero possível. Não levar as primeiras palavras tão a mal... se assumir é fácil, arcar com as consequências que são difíceis. Se já é autossuficiente dar a cara à tapa e ter coragem pra enfrentar tudo, agora, se depende da família, se mora no mesmo teto tem de ir com calma, abordar o assunto aos poucos, preparar o terreno até porque não é fácil passar por tudo isso sem ter pra onde ir. Comigo não aceitaram muito bem de início, porém a procura de informação da minha mãe em levar as informações aos demais foi o diferencial. Lembro que tudo na vida tem seu momento pra acontecer, ter calma e manter o foco são as únicas esperanças. Os apoios de uma mãe e de uma avó foram e são fundamentais para o meu dia-dia. Em relação aos agregados de família, que eu nunca soube a reação, e na verdade eu não me importo muito, já que as pessoas fundamentais já me apoiam e me dão segurança.”
(VICTORIA MARIE – 18 anos)

Finalizando esta fala de Vick, ainda quero enfatizar como pesquisadora, o olhar sensível referente as mães que sofrem muito com esse processo de transição de suas filhas trans dentro deste processo de descoberta e transição. Sei que este pode ser foco de um futuro mestrado, doutorado ou tema para outros pesquisadores darem continuidade a este trabalho, pesquisar como os pais ou cuidadores de trans se sentem. Porém, por enquanto posso me expressar.

A vida atual de mães de trans é baseada no medo. Principalmente como a sociedade vai tratá-las, se veem na escuridão da existência, impossibilitada de protegê-las... E conseqüentemente, o despreparo emocional e a desconfiança é muito presente em seus imaginários, desconfiam que todos querem o mal e que sempre vão se aproveitar da condição

de suas filhas. A veracidade dos fatos que vivenciam e assumem em todos os aspectos, remotam a algumas memórias referente à transexualidade delas, no início tão guardada e tão secreta.

Como imaginar que uma criança que não pertence ao sexo que lhe foi designado ao nascer, e devido às imposições sociais tenha que se adequar a um padrão, como é o caso das trans, pois mesmo na sua terna idade, na sua inocência, elas sabem que não é algo bom, que não são aceitas socialmente então, teriam que esconder. Quantas vezes muitas mães de trans chegam em casa e se deparam com seus filhos a brincar com uma blusa na cabeça imitando cabelos longos, mas na doce ilusão delas estavam a brincar de um super-herói, tipos samurais, ledos enganos.

Essas performances de cabelos longos femininos é a representatividade como se veem internamente. O momento que eles mais se sentiam bem em seus mundos, como foi observado em vários relatos. No momento as mães não compreendem e não compreendem, mas fazem geralmente quando estava em seus quartos, presos em seu mundo. Na pré-adolescência alguns adotam um cabelo enorme e volumoso, não querem que as pessoas os vejam (escondem os rostos).

O que davam compreensão que de certa forma não quisessem que descobrissem seus segredos... Porém, como tudo na vida as situações que não existem verdades elas caem por si só. Tentou se encaixar no padrão gay, homo, pois apesar de todo preconceito que essa classe também sofre não se compara a transexualidade. Enquanto as mães que projetam algo tão padrão para os seus filhos, como exemplo, ter netos, numa visão bem padrão, namorar todas as meninas e conseqüentemente teria várias noras.

E de repente chegam os seus filhos e se revelam dizendo: “Eu não me reconheço no corpo que estou. Sinto-me uma mulher”.

Esta declaração para uma mãe que desde os primeiros meses de gestação as ultrassons apontavam um resultado que teria um filho do gênero masculino e nesta descoberta, não seria mais um menino e sim uma menina “travesti”, é um choque, mesmo porque já se tem uma noção do sofrimento pré-estabelecido por estas pessoas, e uma mãe não quer em hipótese alguma que seu filho sofra cotidianamente, nos olhares maldosos, nos insultos, nos risos debochados.

Afirma-se que é uma das maiores dores que uma mãe pode atravessar, porém, sabemos que o amor de mãe é incondicional. A desconstrução elevada em nome deste amor, porém, não podemos esquecer que ser mãe é um papel social e cheio de exigências. Daí

diverge cada papel de mãe, muitas expulsam de casa, outras não querem ter nenhum tipo de contato, algumas pedem que deixe de travestir-se em sua presença.

Imagina-se compreensíveis as várias reações maternas, pois mães tem naturezas individuais. Isso demonstra que estas atitudes estão relacionadas a atitudes de vergonha, conservadorismo e medo do novo e do diferente.

A personalidade, tipo de criação e experiências de vida diferentes, nos leva a entender que é muito compreensível que as mães também precisam ser cuidadas com apoio psicológico e escolar. Pois muitas entram em depressão e só pensam em morrer. Abaixo o desabafo de uma mãe sobre a possibilidade de ter uma filha trans.

[Mãe] Para ser absolutamente sincera, tenho de confessar que me sinto feliz por meu filho não parecer gay. E, pelo que sei, a maioria dos pais também se sentem assim. Não adianta a gente ser politicamente correta e ficar, “tapando o sol com a peneira”. Eu dou graças a Deus, por meu filho ser igual aos irmãos na aparência. Sei que se ele fosse uma “bichinha” - como eles mesmo dizem – eu o amaria igualmente, mas me preocuparia mais, sofreria mais. E sem falarmos de travestis... Deus me livre!!! (MODESTO, 2015, p.59)

Sobre as variadas sensações e dores que sentem as mães de trans, estão baseadas na negatividade que as aparências das trans nos remetem, pois o diferente assusta. Tudo aquilo que não existe compreensão, também assusta. Por que essas pessoas nascem assim? Esse mistério provocado pela falta de resposta constrange a nós mães, filhos (as) que nasceram assim e a sociedade.

[...] Sei que, se tivesse uma filha/filho com um desencontro entre seu sexo biológico e o gênero, eu a(o) amaria profundamente, mas seria ainda mais difícil para mim. Não é fácil aceitar um filho diferente do esperado, e mais difícil ainda saber que o filho será discriminado. (MODESTO, 2015, p.59)

As pessoas não respeitam porque foram ensinadas a desrespeitar e essa falsa sensação que se pode tudo baseado em regras sociais, mostra o lado mais perverso das pessoas ao lidar com diferenças e a partir daí a violência e o preconceito surgem.

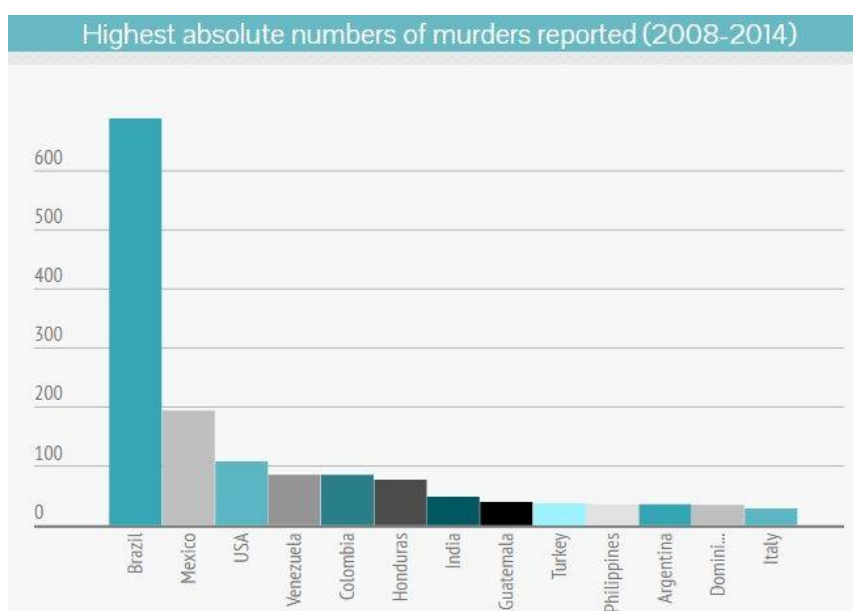
É exatamente um diálogo, uma conversa sobre a importância de abraçar o diferente (exaltando que ser diferente não é ser anormal), que se faz necessária tanto dentro da família, como essa deve ser a proposta da família para a Escola.

Um diálogo da equipe pedagógica junto com os pais e as instituições seria uma das várias maneiras que poderiam ser utilizadas para que se houvesse um consenso e uma ideia saudável de como trabalhar o tema dentro das escolas.

Sendo assim, existiria, muito mais precocemente, um conhecimento maior sobre si mesma quando se trata de transexualidade, facilitando a vida e a autoestima destas pessoas para que não haja uma retração diante da sociedade em que vivemos.

Todos estes debates são de extrema importância para que possamos, primeiramente, mudar as questões dos preconceitos e violências dentro do nosso país (país que mais mata travestis e transexuais no mundo) e do mundo inteiro segundo pesquisa realizada pela rede europeia *Transgender Europe* revelou que o Brasil mata mais transexuais do que qualquer outro país do mundo. A expectativa de vida das travestis e transexuais por aqui é de apenas 35 anos, bem abaixo da média do IBGE, que é de 75 anos. Confira no gráfico:

Gráfico com países que mais assassinam transexuais (2008-2014)



(Fonte: Transgender Europe)

Ter essa visão de inclusão é uma forma de demonstrar humanidade. Ser travestir é ter a liberdade de transparecer o que é usar as roupas que quiser ter o direito de ir e vir, como qualquer pessoa de outro gênero faz naturalmente. Dentro destes diálogos inclusivos e do entendimento geral que trans são pessoas que merecem respeito e visibilidade, talvez não perceberíamos mais problemáticas como essas.

Para enriquecer este capítulo disponibilizaremos as respostas do questionário/entrevista feita via facebook com algumas trans. A pergunta foi: O que você acha que deveria ser feito para que os pais das crianças (transexuais ou cisgênero) estejam cientes de que a transexualidade é normal e deve ser respeitada?

Mara, 21 anos, Cianorte – PR, Mulher.

O que você acha que deveria ser feito para que os pais das crianças (transexuais ou Cis) estejam cientes de que a transexualidade é normal e deve ser respeitada?

Quando eu me assumi para a minha mãe a chave foi o conhecimento. Mostrar que inclusive marginalização dessa população é devido ao abandono e ao preconceito. A educação é sempre a resposta. Para se ter uma ideia eu achava durante a pré adolescência que travesti era homem vestido de mulher para fazer programa. Precisamos falar sobre a transexualidade e isso não pode ser um tabu. Ela existe e só não vê quem não quer.

Martina (pretendo mudar para um feminino aos 18 anos), 15 anos, São Paulo, Igarapu do Tiete (interior), Mulher

O que você acha que deveria ser feito para que os pais das crianças (transexuais ou Cis) estejam cientes de que a transexualidade é normal e deve ser respeitada?

Não sei.

Daiane, 15 anos, Indaiatuba – SP, travesti.

O que você acha que deveria ser feito para que os pais das crianças (transexuais ou Cis) estejam cientes de que a transexualidade é normal e deve ser respeitada?

A minha escola promete uma palestra desde o ano passado, porém essa palestra nunca ocorreu. Talvez, com essa palestra, todos pelo menos teriam entendido que pessoas trans são pessoas como qualquer outra e etc.. costumam prestar mais atenção quando alguém mais velho, segurando um microfone dá informações, porque quando nós damos essas mesmas informações, ninguém liga, acham que é mentira, "esquerdismo", coisas do tipo.

Duda, 20 anos, Jequié – Bahia, mulher trans

O que você acha que deveria ser feito para que os pais das crianças (transexuais ou Cis) estejam cientes de que a transexualidade é normal e deve ser respeitada?

Sempre que possível, nas escolas, nas reuniões de pais e mestres, sempre mostrando conteúdos educativos e se possível ter sempre a presença de pessoas trans ativistas que consigam repassar a mensagem, fazendo com que os pais vejam que transgêneridade não é

nenhum bicho de sete cabeças. e também ressaltando a importância do apoio claro, pra garantir a permanência das pessoas trans em âmbito escolar.

Aurélio, 20 anos, Rio Grande do Sul, São Leopoldo. Homem Trans.

O que você acha que deveria ser feito para que os pais das crianças (transexuais ou Cis) estejam cientes de que a transexualidade é normal e deve ser respeitada?

É necessário falar sobre, dialogar e mostrar que fulanx não está querendo enganar ninguém, fulanx só quer feliz e ser respeitado pela sua identidade. E vale ressaltar que sexualidade e gênero são coisas distintas, e tem um frase de uma série que explica perfeitamente isso: Não é sobre com quem eu vou para a cama, e sim como eu vou para a cama. Ou seja, como no final do dia eu continuo sendo a pessoa na qual acordei pela manhã, sem fantasiar uma identidade que não me pertence.

Por fim, podemos sintetizar tanto no contexto familiar como também, família x escola que, a grande importância de tudo isso é a fala, a troca de saberes e conhecimentos dentro de uma desconstrução na visão de mundo, pois uma das poucas igualdades que o ser humano tem, é a capacidade de comunicação e entendimento. As entrevistas, nos ajuda a identificar que a educação e o conhecimento é a base para a família e escola trabalharem juntas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir diante da temática trabalhada neste artigo, que existe uma grande falta de preparo das instituições educacionais para com as pessoas transgênero. A própria escola é tida como um local de dispersão de preconceitos e normas que são impostas e seguidas à risca, pela sociedade em que vivemos.

É fácil apontarmos também a questão da influência do padrão heteronormativo que nos é imposto, fazendo-nos acreditar que a binaridade de gênero é a única forma válida de se apresentar para a sociedade num contexto geral. Como afirma Aran e Peixoto Junior (2007), se o gênero faz parte das rígidas normas sociais, ele também pode ser fonte de resistência.

Aqui já podemos ver claramente confirmada a hipótese sobre o fato da sociedade como padrão heteronormativo e sistema binário vir favorecer certo aumento do preconceito com o que seja diferente.

A busca de condições iguais a todos, evitaria os evidentes sofrimentos experimentados pelas pessoas que não se enquadram no modelo hegemônico de sexualidade. Esta binaridade afeta diretamente a forma de viver de pessoas trans em quaisquer que sejam as ocasiões. A consequência disso é uma grande exclusão desta população.

As pessoas transexuais e travestis são estigmatizadas, marginalizadas e perseguidas, muito pela crença em sua anormalidade, reforçada pelo CID – Classificação Internacional de Doenças, que as inclui em sua lista de patologias. Na versão de 2008, o CID ainda classifica a transexualidade e travestilidade como um “transtorno de gênero” portanto uma doença.

No Brasil, as pessoas transexuais lutam ainda por seus direitos fundamentais, como por exemplo, ter um nome no registro civil de acordo com o seu gênero, usar o banheiro, estudar, e até pelo direito à vida, dado o número de crimes bárbaros contra elas/eles. (MODESTO, 2015, p. 58)

Nossa outra hipótese de que a comunidade escolar estaria despreparada se confirma no decorrer desta pesquisa, pois ela deve obter um trabalho mais acolhedor e mais objetivo diante destas situações. Deve existir uma sensibilidade maior e um maior senso de humanidade partindo dos educadores para as pessoas com esta condição.

Além disso, podemos perceber também que os problemas educacionais relacionados a esta problemática atinge, inevitavelmente várias áreas inclusive a vida profissional destas pessoas, fazendo com que elas estejam sujeitas a estarem à margem da sociedade, como pessoas inválidas, incapazes e descartáveis. Isso fica claro se observarmos a quantidade de trans que evadem e não terminam seus estudos.

Este artigo nos trouxe uma maneira diferente de enxergar que o respeito à identidade de gênero de uma pessoa ultrapassa barreiras de preconceitos e padrões que nos são inculcados desde a nossa existência.

Ser empático e perceber que pessoas transgeneras merecem ter as mesmas oportunidades de pessoas CIS (são pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento), são o ponto chave da inclusão.

Ter essa visão humana deve ser parte do pensamento contemporâneo que vivemos hoje, aonde, mesmo que haja uma maior compreensão sobre esta temática, ainda existe um grande índice de violência contra esta população. A comunidade escolar poderia começar a partir disto para lidar de forma eficaz com a transexualidade.

É necessário compreender também que estas pessoas são gente como a gente, que precisam de respeito e empatia para que todos possam viver de uma forma saudável e libertária.

Para definirmos o sexo de uma pessoa, homem ou mulher (macho ou fêmea), de acordo com o conhecimento que temos, não poderá levar em conta apenas a aparência externa do corpo, pois essa abordagem é enganosa. Além da aparência visível, há que se considerar o sexo morfológico, sim, mas também o cromossômico (XX, XY), o genérico (genes), o endocrinológico (contagem hormonal) e, finalmente, precisamos considerar as questões de gênero. (MODESTO, 2015, p. 54)

Espera-se, portanto, que este artigo traga esta reflexão para educadores e discentes, e de todos os profissionais da área de educação, sobre o papel da discussão de gêneros dentro da instituição educacional.

Espera-se ainda, que este artigo traga, mesmo que minimamente, um sentimento de conforto e visibilidade para a comunidade trans.

E para finalizar, a sociedade, como um todo, deve passar a ser uma corporação de mais inclusão e amor, pois é a partir disso que podemos obter uma sociedade justa e uma para todos e minimizar a invisibilidade das pessoas trans que são vistas como abjetas em todo o contexto social aonde vivem, inclusive nas escolas.

Termino com o desejo que docentes e discentes modifiquem sua prática e que isto resulte numa menor evasão escolar das trans, pois essa impossibilidade de terminar os estudos interfere em todas as áreas de suas vidas.

TRANSSEXUALITY IN SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT

Transsexualism (someone who doesn't recognize internally as it presents physically) within the school environment is something very common nowadays, but we came across another reality in the school community about the theme. It's worth pointing out that this concept of transgender people is confronted in front of a social construction, where there is the default heteronormative: female x men and guys who don't recognize within this economic climate imposed since birth out of this pattern, as is the case of trans. not within these established standards, transsexuals suffer all kinds of exclusion, leading to a large output of this population because in truth, these are taken forcibly out of schools (truancy). We aim to promote a reflection on this topic "Transsexualism in the school environment". The methodology used was bibliographical research, qualitative and analytical. The theoretical basis privileged considerations made by BEAUVOIR (1967), BENEDICT (2008), MODESTO (2015), ARAN VALLEY, ZAIDHAFT and Myrtle (2008). The results obtained the contribution of conversations and debates with trans that lived within the school environment. These interviews will be of the utmost importance for there to be a deconstruction and a good understanding of the educational community about the issue of gender and transsexuality. The educator must himself have as main duty, contribute to the formation of the character of the individuals identity and experience, without excluding the understanding of what it means to be a boy or a girl out of the lens than is considered normal in the society, causing transgender people, for example, don't feel intimidated or unable to continue their educational career. We conclude from the studies carried out, people are perceived as trans "invisible" and abject in any social context where they live, including in schools, making us realize that before the Faculty and students there is a prejudiced practice that aims to make a asepsis on these subjects within the school environment, this favors the truancy of the trans and interferes in his professional life.

Keywords: Transsexuality. Society. Educator / a. School environment.

REFERÊNCIAS

ARÁN, Marcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. **Transexualidade**: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, Porto Alegre Abril, 2008.

BRANCO, Fabiana Castelo. **Um corpo estranho no santuário**: Discursos de instituições religiosas e experiências de indivíduos homossexuais em igrejas – 1. ed. - Curitiba, 2015.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade** – 1. ed. - São Paulo, 2008.

LOURO, Guacira Lopes Louro. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer - 2. ed. - Belo Horizonte, 2015.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Corpo, gênero e sexualidade** – 2. ed. -. Porto Alegre, 2008.

MODESTO, Edith. **Mãe sempre sabe?**: Mitos e verdades sobre pais e seus filhos LGBTs – 2. ed. - Campinas, 2015.

MÚLLER, Magnor Ido. **Lá em casa a gente conversa**: conjugalidade e masculinidade dos maridos das travestis - 1. ed. - Curitiba, 2015.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. **As aparências enganam?**: A arte do fazer-se travestir - 1. ed. - Curitiba, 2015.

Portal da Band, Google. Disponível em :

<<http://noticias.band.uol.com.br/brasil/noticia/100000806776/brasil-é-referência-negativa-em-cidadania-lgbt.html>>

WIKIPÉDIA a enciclopédia livre, Google. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade>>